

DRAMA DA VIDA REAL

Submerso nas trevas

O mergulhador ficou apavorado ao perceber que as paredes do túnel debaixo d'água desmoronavam sobre ele

Por MICHAEL BOWKER

84

RAY SHIPWAY, 50 anos, operador de salvamento marítimo, caminhava ao longo da barcaça e olhava com ansiedade o relógio. Eram 11 horas de 10 de maio de 1998, Dia das Mães.

Tinha esperanças de terminar o trabalho a tempo de levar sua mulher, Diane, para jantar. Mas, enquanto checava a máscara e o regulador de oxigê-

85

nio, sabia que aquele não seria um trabalho fácil.

As águas turvas do Delta da Califórnia turbilhonavam vagarosamente lá embaixo, escondendo o casco de uma lancha de 55 pés afundada. Como o barco apodrecido representasse perigo à navegação, as autoridades do condado haviam contratado o piloto do rebocador para içá-lo.

MAIS CEDO, naquela manhã, Shipway tinha explorado a embarcação submersa. A quilha estava atolada, e o casco, adernado a 45° a bombordo.

“Este vai ser difícil”, disse Shipway ao filho Ray Jr., 17 anos, que fazia parte da equipe de salvamento. “Vou cavar uma vala no lodo sedimentado em ambos os lados da quilha para conseguir passar os cabos

por baixo da lancha. Depois vamos prender os sacos elevatórios aos cabos. Quando os inflarmos, eles devem erguê-la.”

Ray Jr. assentiu. Como muitos pais, Shipway, em determinados momentos, achava exasperador educar um adolescente. Mas se lembrava do quanto seu pai havia sido paciente com ele. Morto em 1983, o pai trabalhara quase a vida toda na Marinha dos Estados Unidos e na marinha mercante, estimulando Shipway a tirar da água seu sustento.

Nos últimos tempos, Ray Jr. estava saindo da fase rebelde e, quando não se encontrava na escola, participava da equipe de salvamento. Shipway até havia confiado ao rapaz a importante tarefa de bombear o ar que ia do compressor, pela mangueira, até o regulador do mergulhador. Se um homem se visse em dificuldades debaixo d’água, dava um puxão na mangueira de ar e a tripulação o trazia de volta. Ray Jr. era literalmente a corda salva-vidas do pai.

Colocando a máscara e o regulador, Shipway acenou para Ray Jr. e Ryan Contioso, 27 anos, o outro membro da equipe. Em seguida, desceu pela borda da barcaça e desapareceu na escuridão.

DIANE ESTAVA NO Driftwood Yacht Club, em Antioch, cidade vizinha, onde alguns amigos haviam se reunido para o almoço do Dia das Mães. Loura, esguia e sociável, adorava o

“O mais importante é permanecer calmo”, dizia Ray ao seu

estilo de vida do Delta, os 1.600 quilômetros de canais que desembocavam na Baía de São Francisco.

Ela e Ray tinham se mudado para Bethel Island em 1974. Haviam se apaixonado pela beleza exuberante e pela vida tranqüila do lugar. Mas também conviviam com a ameaça de inundações e acidentes com barcos. Os habitantes do Delta passaram a depender uns dos outros para sobreviver.

Enquanto Diane conversava com amigos no deque do clube, não poderia imaginar que, em breve, a vida de Ray dependeria dos vizinhos.

RAY SHIPWAY desceu até a quilha da embarcação afundada, a cerca de três metros de profundidade. A roupa especial o protegia da água gélida. A visibilidade não ia além de 60 centímetros, mas Shipway havia enfrentado as mesmas condições centenas de vezes em outras operações de salvamento. “O mais importante é permanecer calmo”, sempre dizia ao filho. “O que mata em águas escuras é o pânico.”

Anos antes, quando era suboficial na Marinha, Shipway havia aprendido uma lição crucial. Durante um treinamento, as luzes em seu submarino foram apagadas. Ele deveria encontrar a máscara de emergência e então localizar uma pequena tomada para conectar a mangueira do regulador. Na escuridão, Shipway entrou em pânico.

Quando as luzes se acenderam, viu que estava a apenas um passo da tomada. “Mas o oficial supervisor me disse: ‘Filho, você agora estaria morto’”, contou Shipway a Ray Jr. “Aprendi uma lição que poderia ter me custado muito.”

No mergulho anterior daquela manhã, Shipway havia utilizado a mangueira de alta pressão para cavar um túnel até o fundo da lancha a boreste. Agora começava a cavar a bombordo para conectar os túneis. Em seguida, passaria os cabos sob a embarcação e prenderia os sacos elevatórios nas extremidades.

Quarenta minutos depois, ele havia aberto uma vala de quase cinco metros de comprimento por 60 centímetros de largura, que lhe permitiu esgueirar-se sob a embarcação. A lama estava bem compactada e Shipway sentiu que as paredes resistiriam. De bruços, empurrou a mangueira à frente. O jato abria caminho em meio ao lodo, centímetro a centímetro. Shipway rastejou ao longo do túnel até passar os ombros e a cabeça sob a quilha.

De repente, as paredes do túnel atrás dele cederam. Ele sentiu uma pressão tremenda nas pernas. Rapidamente tentou agarrar a mangueira sob o corpo, mas lama e areia desabaram em torno de seus ombros e rosto, imobilizando-o.

Não entre em pânico!, disse a si mesmo. *Senão, vai morrer.* Forçou-se a respirar bem devagar, mesmo

filho. “O que **mata em águas escuras** é o pânico.”



Linha da vida-
Ray dependia do
filho de 17 anos
para garantir
o fornecimento
de ar pelo cabo
do compressor.

quando a lama cobriu sua cabeça. Então, sentiu que a mangueira ficara presa sob seu corpo, limpando sedimentos do rosto.

Ele tentou puxar o tubo de ar para avisar Ray Jr., mas ele estava imprensado pela avalanche de lama. Pelo menos o jato continuava a limpar sua máscara, e o oxigênio fluía através do regulador.

Shipway continuou a cavar a lama por quase uma hora antes de desistir, exausto. Espremido sob o barco em total escuridão, deu-se conta de que, durante anos, era a ele que a família e os amigos recorriam quando estavam em apuros. Agora sua vida estava nas mãos deles.

NA BARCAÇA, Ray Jr. podia ver as bolhas de ar do regulador do pai chegando à superfície. Tudo parecia normal. O garoto apenas continuava de olho no compressor a gasolina, verificando as correias e completando o tanque quando o nível abaixava.

Passaram-se mais 45 minutos. Shipway tentava em desespero manter a mente ocupada. Cantou todas as canções que conhecia até acabar o repertório. Então pensamentos terríveis começaram a se insinuar. *Voltarei algum dia a ver minha família? Como será a sensação da morte?* Lutou contra o medo, sabendo que é comum mergulhadores que perdem o controle hiperventilar e sugar água em vez de ar. Atribuiu a si mesmo pequenas tarefas: limpar a máscara e mover a cabeça para se livrar do lodo.

Quando a terceira hora chegava ao fim, Shipway sentiu que o pânico se aproximava de novo. Rezava sem parar. Cavava a lama freneticamente. Foi então que imaginou que o pai falecido estava caçoando dele.

Filho, você se meteu numa encrenca, escutou o pai dizer. *O que pensa que está fazendo aqui embaixo?* Shipway sorriu atrás da máscara. Humor sarcástico sempre fora parte importante na ligação entre eles. De repente o mergulhador se sentiu calmo e não mais sozinho. “Não sei, papai”, respondeu. “Mas fique comigo, está bem? Eu posso continuar aqui por algum tempo.”

RAY JR. E CONTIOSO começavam a se preocupar. Shipway já estava lá embaixo há tempo demais. Conversaram com Fred Reno, subdelegado do Condado de Contra Costa, que ali estava para inspecionar a operação.

“É melhor vocês darem uma olhada para ver o que está acontecendo”, disse o policial.

Contioso saltou na água e seguiu a mangueira de ar de Shipway até o fundo. Ficou chocado ao encontrá-la enterrada na lama. Cavou com fúria, mas, nada encontrando, retornou à superfície.

Reno correu até o rádio e pediu ajuda. Segundos depois, Contioso mergulhou do lado oposto do barco. No fundo, enfiou a mão em um pequeno buraco na lama e tocou algo sólido. Levou alguns instantes para perceber do que se tratava: o pé de Shipway! Contioso o apertou, en-

Depois de **cinco horas preso debaixo d'água**

viando uma silenciosa mensagem ao parceiro.

Quando Shipway sentiu a mão, uma onda de alívio o inundou. *Agora tenho uma possibilidade de me salvar.*

No CLUBE, Diane ouviu um chamado de emergência no rádio pela faixa da Marinha: "Mergulhador preso no fundo!" O terror se apossou dela. Sabia que era Ray. Lutando contra o pânico, foi para casa de carona com amigos. *Ele vai conseguir*, dizia a si mesma. *Só temos de descobrir uma forma de resgatá-lo.*

Ao se aproximar de casa, teve uma idéia. Viu uma treliça de metal erguendo-se para o céu além do desembarcadouro. Era a lança de 18 metros de um guindaste de salvamento, numa barcaça a motor. *Podemos usá-lo para erguer o barco*, pensou ela.

Deixou um recado no *bip* do vizinho Richard Kent, dono do guindaste. Kent respondeu imediatamente. Correram para a máquina e partiram em direção à barcaça de Ray.

EM SUA TUMBA submersa, Shipway estava preso fazia quase quatro horas. Quando sentia o medo assomar, sentia também, com maior intensidade, o espírito do pai ao seu lado. Conversava com ele sobre Diane e os meninos. "Ainda não terminei de cuidar da família", dizia. "Amo Diane demais para deixá-la sozinha agora."

Lentamente, ele foi recuperando

o controle. Não havia escutado ou sentido mais nada desde que Contioso lhe agarrara o pé, quase uma hora antes. De bruços na lama, em total escuridão, sua vida dependia de um compressor de ar barulhento e do garoto de 17 anos que o manejava. Shipway sabia que tinha de acreditar que os amigos e a família encontrariam um jeito de resgatá-lo.

QUANDO DIANE chegou ao local e viu barcos de resgate, suspirou aliviada. *Isso significa que ele ainda está vivo.*

Mas logo descobriu que os mergulhadores não haviam sido capazes de desenterrá-lo. Os sacos elevatórios também não deram resultado. O guindaste era a única chance e foi colocado em posição. Uma enorme

y ainda teve disciplina para só se mover quando era seguro.

correia foi passada através das janelas da cabine do barco submerso, sendo, em seguida, atada ao guindaste. Os mergulhadores afastaram-se e deram o sinal de O.K. para Kent, sentado na cabine do guindaste, mãos a postos nos controles.

Diane ficou imobilizada na beira da barça, enquanto Kent lentamente erguia a correia. O guindaste rugiu sob o peso, vencendo aos poucos a força de sucção do lodo, e o barco começou a subir.

Na escuridão, Ray Shipway primeiro sentiu movimento e, logo depois, o alívio da pressão do barco nas costas. Seu coração disparou. *Estou livre!* Todos os instintos impeliam-no a se desvencilhar e nadar para longe. Mas um profundo autocontrole o fez deter-se. A experiência havia lhe ensinado que com freqüência as cargas não se erguem na primeira tentativa. Com toda a força de vontade, lutou contra o impulso de fugir.

NA BARÇA, Diane, nervosa, aguardava. Ouviram-se então fortes estalidos, enquanto a correia rasgava a madeira podre da cabine. Ela observou horrorizada o barco se desprender e voltar a afundar. “Não!”, gritou. Entre o barulho e a confusão, Diane correu em direção à mangueira de ar e pressionou o ouvido

contra ela. Escutou um som áspero e leve. Ray estava vivo!

Depois de cerca de cinco horas preso sob a água, Ray teve a disciplina de permanecer quieto até ter a certeza de que era seguro se mover.

Diane acenava para Kent, que já estava reajustando o ângulo da lança do guindaste. Mergulhadores agarraram outra correia e desceram a fim de passá-la sob a proa. Mais uma vez o motor ganiu e a longa lança de metal rangeu sob o peso. Diane não ousava respirar. Então algo surgiu na superfície. Era Ray!

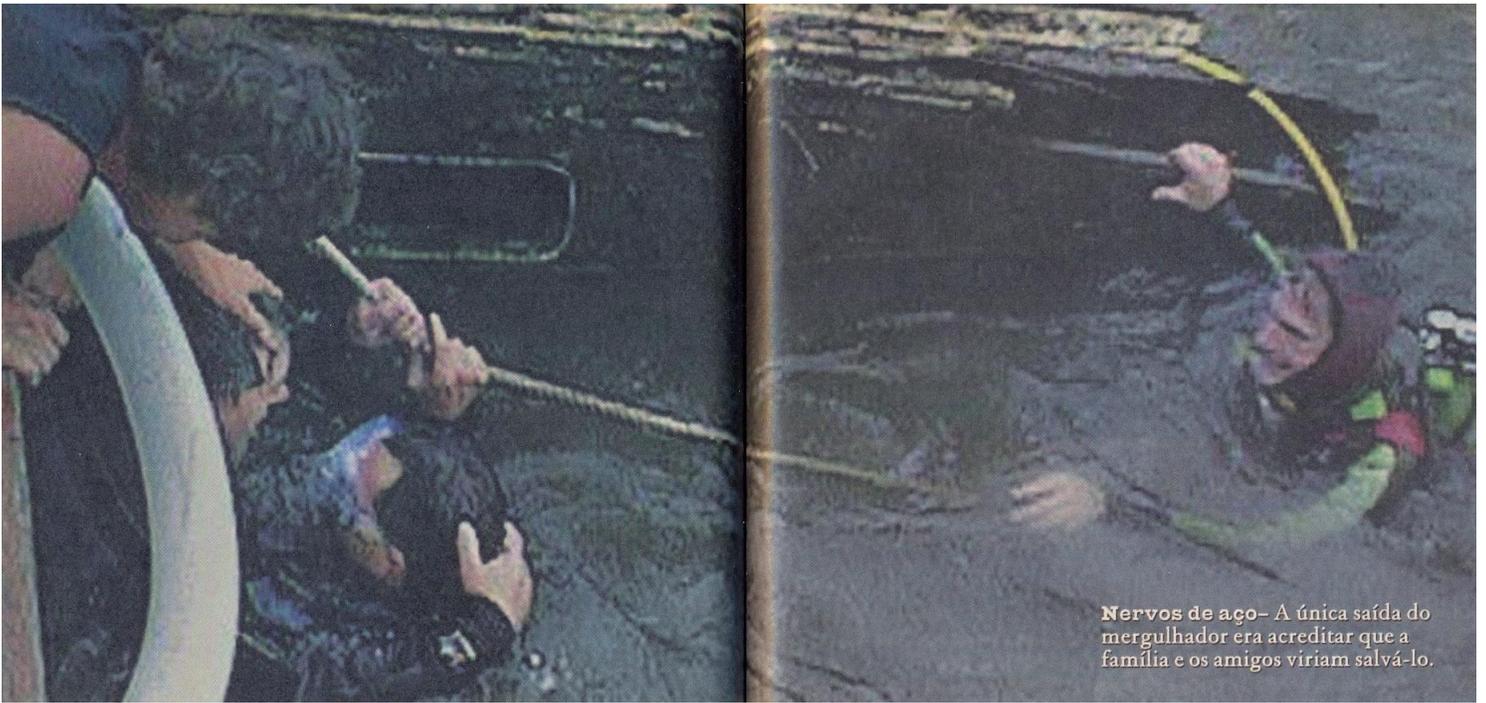
Estava enlameado, gelado e exausto – mas vivo. O rosto, sem a máscara, abriu-se num imenso sorriso. A equipe de resgate gritou e aplaudiu. Diane aplaudiu mais do que todos. O olhar de Shipway percorreu a barça até a mulher.

– Puxa, estou feliz em ver você! – gritou ele.

– Eu também estou feliz em vê-lo! – respondeu ela em meio às lágrimas.

SHIPWAY foi levado ao hospital para tratar de ferimentos superficiais. “Sem a ajuda de meus amigos e de minha família, eu não teria conseguido”, disse ele. “Lá embaixo, na escuridão, ficou muito claro para mim o que de fato importa na vida.”

Se acha que ninguém se importa com você, experimente deixar de declarar o imposto de renda este ano. — NORB OTTO no *National Enquirer*



Nervos de aço- A única saída do mergulhador era acreditar que a família e os amigos viriam salvá-lo.



FOTOGRAFADO POR ROBERT HOLMES

Ao resgate- Diane sabia o que fazer para salvar o marido.